

LYNN PAINTER



AMOR POR

Quem diria que
um número errado
poderia levar à
pessoa certa...

ENGANO



“O livro mais divertido, engraçado e cheio de tensão sexual
que li em muito, muito tempo. Eu desafio você a não se
apaixonar pela escrita de Lynn Painter.”

— ALI HAZELWOOD, autora de *A HIPÓTESE DO AMOR*

LYNN PAINTER

AMOR
POR
ENGANO

Tradução de
Helen Pandolfi



Copyright © 2022 by Lynn Painter

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial em qualquer formato.

Direitos de tradução acordados com Berkley, um selo da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Mr. Wrong Number

COPIDESQUE

Fernanda Belo

REVISÃO

Mariana Gonçalves

Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO

Ashley Tucker

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Juliana Brandt

ILUSTRAÇÃO E DESIGN DE CAPA

Nathan Burton

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P163a

Painter, Lynn

Amor por engano / Lynn Painter ; tradução Helen Pandolfi. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

Tradução de: Mr. Wrong Number

ISBN 978-65-5560-630-0

I. Romance americano. I. Pandolfi, Helen. II. Título.



23-84307

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 — Barra da Tijuca

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Kevin:

Te amo mais que no dia em que me apaixonei, quando você tirou cópia do próprio dedo fazendo uma vozinha ridícula. Mais que na vez que você pisou no meu pé para que eu não fosse embora. E até mais, acho, que no dia em que você disse que meu cabelo era igual ao do Axl Rose.

Depois de cinco filhos e um milhão de almôndegas, você ainda me faz morrer de rir e eu adoro você.

Olivia

Tudo começou um dia depois de eu ter incendiado meu prédio.

Eu estava sentada à ilha chique de granito na cozinha do meu irmão, devorando um pacotinho de pretzels e virando uma garrafa de Stella atrás da outra. Mas não, não tenho problema com álcool. Eu tenho um problema *com a vida*. O que significa que tudo estava uma merda e eu precisava de uma noite de sono que fosse tipo um coma, caso eu quisesse pensar em um plano para o meu futuro quando acordasse.

Depois de insistir muito, Jack me deixou ficar com ele por um mês, tempo suficiente para eu conseguir encontrar um emprego novo e um lugar para morar, contanto que eu promettesse me comportar e não encher o saco do colega de apartamento dele. *Na minha opinião, ele estava meio velho demais para ter um colega de apartamento. Mas quem sou eu pra julgar?*

Meu irmão tinha me abraçado e me entregado uma chave antes de sair para aproveitar uma promoção de asinhas de frango por cinquenta centavos no Bar do Billy. Então eu estava sozinha em casa ouvindo Adele na Alexa no volume máximo. Esse já é o tipo de música para chorar horrores, mas quando ela começou a cantar sobre “um fogo que começa no peito” lembrei do incêndio que começou na minha varanda e aí desmorenei de vez.

Eu estava ali, chorando, quando meu celular vibrou e interrompeu meu colapso. Era uma mensagem de um número que eu não conhecia:

Por que você não me diz o que está vestindo?

Olha só, mensagem de um pervertido. Assoei o nariz e digitei: O vestido de casamento da sua mãe e a calcinha fio dental favorita dela.

Nem dez segundos depois, o Cara do Número Desconhecido respondeu: O quê?

Eu respondi: Ué, bb, pensei que vc fosse achar sexy.

Cara do Número Desconhecido: Bb? Que porra é essa?

Soltei até uma risadinha só de pensar em um maluco qualquer levando um banho de água fria por mensagem. Era esquisitíssimo que o mais broxante para ele tenha sido a parte do “bb” em vez do comentário totalmente edipiano sobre a calcinha da mãe. Mas foi ele quem usou o velho “o que você está vestindo agora?”, então não dá para esperar muito de um cara desses.

Eu respondi: Vc queria que fosse algo menos maternal?

Cara do Número Desconhecido: Ah, não, é sexy pra caramba. Vc ia curtir se eu estivesse de bermuda tadel, meia e chinelo e a tanguinha do seu pai?

Isso me fez sorrir em meio à minha crise de identidade e consequente chororô.

Eu: Nossa, fiquei com calor só de ler. Promete que vai contar umas piadas de tiozão no meu ouvido enquanto a gente sacode o esqueleto?

Cara do Número Desconhecido: Não precisa nem pedir, gata. Os trocadilhos e a piada do pavê já estão no gatilho. E “sacudir o esqueleto” é a coisa mais sexy que eu já li.

Eu: De acordo.

Cara do Número Desconhecido: Mandei mensagem pro número errado, né?

Eu: Pois é.

Dei um soluço; a cerveja finalmente estava batendo. Decidi parar de zoar o cara e mandei a seguinte mensagem: Mas não desiste, amigão. Boa sorte com a sacudida! 😊

Cara do Número Desconhecido: Essa foi a conversa mais estranha que eu já tive por mensagem.

Eu: Idem. Boa noite e boa sorte.

Cara do Número Desconhecido: Obrigado pelo apoio e boa noite para você também.

Quando a cerveja começou a me deixar sonolenta, decidi tomar banho — *adeus, cabelo com cheiro de fumaça* — e dormir. Revirei minha mochila atrás de uma muda de roupas, mas aí me lembrei — óbvio — do incêndio. Só me restavam as roupas esquecidas no fundo do armário da academia e umas peças nada a ver no banco traseiro do carro, perdidas a caminho da lavanderia. Achei uma blusa de pijama do Come-Come, mas percebi que não tinha nenhuma calça: nem de pijama, nem jeans, nem shorts. A única parte de baixo que eu tinha era o short de academia fedorento que estava vestindo.

Não ter uma calça para vestir seria meu fundo do poço?

Mas eu tinha roupas íntimas, ainda bem. Trouxe comigo um par de calcinhas com “Foda-se o capitalismo” escrito na bunda. O fato de ainda ter essa calcinha era o que me impedia de cair de cabeça nesse poço sem fundo.

Tomei um banho de meia hora, bêbada e maravilhada com o chuveiro potente e com o condicionador caro do colega de apartamento de Jack. Sem querer, a embalagem escorregou da minha mão e a

válvula quebrou, espalhando creme por todo o chão do box. Fiquei de joelhos e devolvi o máximo que consegui à embalagem, depois coloquei com cuidado na prateleira e torci para ninguém perceber.

Spoiler: as pessoas sempre percebem.

Porém, duas horas depois eu ainda estava sem um pingão de sono, deitada no colchão inflável barulhento que meu irmão me deixou usar no escritório dele, os olhos inchados mirando o teto enquanto relembrava tudo que tinha dado errado antes de eu ir embora de Chicago.

A demissão. A traição. O término. O incêndio.

Então falei:

— Ah, que se foda.

Eu me levantei, fui até a cozinha, arranquei o lacre de uma garrafa de tequila com um sol sorridente de bigode no rótulo e preparei a pior bebida de todos os tempos. Eu poderia até ficar com dor de cabeça no dia seguinte, mas pelo menos ia conseguir dormir.

— Livvie, é a mamãe. Pensei que você viria para cá hoje.

Abri os olhos — bom, um deles, pelo menos — e olhei para a tela do celular de onde vinham os gritos de minha mãe. Oito e meia? Ela queria que eu fosse para casa dela *oito e meia da madrugada*? Pelo amor de Deus! Isso é coisa de psicopata, de gente que maltrata cachorro e chuta velhinhas na rua ou algo assim.

Por que eu tinha atendido?

— Eu ia. Quer dizer, eu vou. Eu já estava levantando.

— Achei que você ia mandar currículos hoje.

Adele voltou a ecoar pelo apartamento — *ô, porra* — e eu gritei:

— Alexa, para a música.

— Com quem você está falando? — quis saber minha mãe.

— Com ninguém. — A música continuava. — Alexa, desligue a Adele.

— Seus amigos estão aí?

— Não, mãe. Meu Deus.

Eu me sentei e finalmente abri o outro olho, minha testa inteira martelando de dor. A música cessou de repente.

— Eu estava falando com a caixinha de som do Jack.

Ela suspirou daquele jeito que queria dizer por-que-minha-filha-é-tão-irresponsável.

— Não vai mandar currículos, então?

Meu Deus, alguém me dá um tiro.

— Vou mandar — respondi, um gosto ruim na boca. — Agora existe a internet, não tem problema começar depois do almoço, mãe. Pelo amor de Deus.

— Não estou entendendo mais nada. Você vem ou não?

Respirei fundo e me lembrei dos meus probleminhas de vestimenta. Não poderia sair sem lavar uma roupa antes.

— Não, só mais tarde. O trabalho é minha prioridade, passo aí depois que terminar de procurar emprego.

E depois de arranjar uma calça.

— Seu irmão está em casa?

— Não faço a menor ideia.

— Como não sabe se ele está em casa ou não?

— Porque ainda estou na cama e a porta está fechada.

— Por que está dormindo com a porta fechada? Esse quarto fica abafado sem ventilação.

— Pelo. Amor. De. Deus. — Suspirei enquanto massageava minhas têmporas. — Vou me levantar daqui um segundo e se eu topar com sua outra prole, aviso que você ligou. Tá bom?

— Ah, não precisa. Só queria saber se ele estava em casa.

— Tenho que desligar.

— Você já depositou aquele dinheiro?

Pressionei os lábios e respirei fundo. Não que aquilo fosse surpresa vindo da minha mãe. A única coisa pior que pedir dinheiro para seus pais, aos vinte e cinco anos, depois de chegar na cidade

cheirando a fumaça e sem um puto no bolso, era ter uma mãe que queria ficar falando sobre isso. Respondi:

— Sim, fiz isso on-line ontem à noite.

Como se eu tivesse escolhido a não ser depositar aquela humilhante contribuição dos meus pais o mais rápido possível. Depois de a poeira ter baixado (ou, melhor dizendo, a fumaça), descobri que meu prédio não tinha mais salvação, então precisei gastar meus poucos trocados em itens básicos de sobrevivência, tipo óleo, pneus e gasolina para voltar para Omaha.

Graças a Deus eu ainda tinha um último salário para receber na próxima semana.

— Você fez pelo computador? — questionou minha mãe.

Cerrei a mandíbula.

— Sim.

— O marido da Evie disse para *nunca* fazer isso. É praticamente entregar dinheiro de bandeja para os hackers.

Minha cabeça latejava.

— Quem é Evie?

— Minha dupla de carteador, aquela que mora em Gretna. Você presta atenção em alguma coisa do que eu falo?

— Mãe — comecei a responder, considerando usar a velha desculpa do “estou entrando no elevador e vou ficar sem sinal” —, eu não consigo guardar o nome de todas as amigas com quem você joga baralho.

— Bom, querida, só tem uma, não é tão difícil assim. — Ela soou profundamente ofendida. — Precisa parar de acessar sua conta do banco no computador. É só ir até o caixa.

Suspirei.

— Você queria que eu *dirigisse até Chicago* para fazer um depósito?

— Não precisa ficar irritada. Só estou tentando ajudar.

Suspirei outra vez e me levantei com dificuldade do colchão que desinflava toda vez que eu me ajeitava durante a noite.

- Eu sei. Desculpe. Foram dias difíceis.
- Eu sei, filhota. Mas passe aqui mais tarde, tá bom?
- Tá bom. — Andei até a porta e a abri. — Te amo. Tchau.

Joguei o celular na escrivaninha e fechei os olhos quando a luz natural vinda da sala invadiu o escritório. Meu Deus, que resaca. Meu equilíbrio estava meio comprometido, no nível que deixa evidente que você ainda está bêbado demais para dirigir, então fui aos tropeços até a cafeteira, desesperada por um pouco de café.

- Olha só quem está aqui. Bom dia, raio de sol.
- Congeei e imediatamente achei que fosse vomitar.

Colin Beck, o melhor amigo de Jack, estava me assistindo cambalear rumo à cozinha. Como se o universo já não tivesse me dado a maior surra, lá estava ele, ao lado da mesa de café da manhã, os braços cruzados e a sobranceira arqueada, testemunhando minha vergonha. O sorrisinho naquele rosto ridiculamente atraente dizia sou-muito-melhor-que-você enquanto eu andava pelo apartamento de calcinha e uma camiseta minúscula como se tivesse saído diretamente do *Ursinho Pooh*.

- Pisquei devagar. Ele tinha ficado *ainda mais* bonito?
- Que babaca.

Eu o vi pela última vez no meu primeiro ano da faculdade, quando fui expulsa do dormitório e precisei passar o último mês do semestre morando na casa dos meus pais. Jack tinha convidado Colin para comer macarronada no domingo e ele rolou de rir ao saber que o cachorro que eu havia resgatado mordeu vários estudantes, e como isso, de alguma forma, acabou ativando o alarme de incêndio, resultando em um alagamento geral dos dormitórios, o que, por sua vez, levou à minha expulsão.

Ele parecia ter acabado de voltar da academia. A camiseta úmida grudava em seu corpo super-hiper-definidíssimo e dava para ver uma tatuagem de relance no braço direito.

- Quem ele achava que era? O The Rock?

Colin tinha traços de estrela de cinema, com uma estrutura óssea perfeita, um queixo imponente e olhos azuis. Mas seu olhar tinha um quê de travessura que era ainda mais intenso que sua beleza. Era um olhar turbulento. Eu era meio apaixonadinha por ele quando tinha catorze anos, mas, um ano depois, ouvi sem querer uma conversa em que ele me chamava de “esquisitinha”, e fiz uma curva brusca em direção ao ódio e nunca mais dei ré.

— O que você tá fazendo aqui?

Eu o contornei para chegar até a cafeteira no balcão lustroso e pressionei o botão para ligar. O ar fresco me lembrou de que minha bunda estava completamente exposta com aquela calcinha idiota, mas eu preferia morrer a dar a ele o gostinho de perceber que me desconcertava. Eu me segurei para não puxar a camiseta do Come-Come para baixo enquanto procurava o pó de café nos armários, dizendo para mim mesma que era só uma bunda e tudo bem. Então falei:

— Pensei que você tinha se mudado para o Kansas ou para Montana.

Ele pigarreou.

— Está no armário ao lado da geladeira.

Olhei para ele.

— Hã?

— O café.

Ninguém perguntou. Ele me fazia lembrar daqueles mafiosos que sempre sabem tudo e sempre têm razão. Então resolvi mentir:

— Mas eu não estava procurando café.

Ele ergueu uma sobrancelha e apoiou o quadril contra a mesa.

— Ah, não?

— Não. — Mordi o lábio e improvisei. — Na verdade, eu estava procurando... hum... o chá.

— Ah, tá bom, ok. — Pelo seu olhar, ele parecia saber, de alguma forma, que eu odeio chá. — Nesse caso, está no mesmo armário. Ao lado da geladeira.

Pelo amor de Deus, como isso está acontecendo comigo? Por que estou conversando com Colin Beck só de calcinha?

— Obrigada.

Contive a vontade de revirar os olhos e fui até o armário, tão sedenta por café que estava a ponto de chorar. Tinha só um tipo de chá, Earl Grey, que eu sabia que ia detestar. Peguei uma cápsula e voltei até a máquina.

— Cadê o Jack?

— Hum. — Eu senti o olhar dele em mim enquanto respondia.

— Foi trabalhar.

— Entendi. — *Então por que você está aqui?*

— Ele disse que você vai passar um mês aqui. — Ele se apoiou no balcão com os antebraços bronzeados (pelo amor, como era possível que *antebraços* fossem sexy?) e começou a mexer na pulseira do relógio de corrida. — É isso mesmo?

— Aham. — Peguei uma caneca no balcão, enchi de água e abri o reservatório da cafeteira. — Meu irmão sabe que você está aqui, falando nisso?

Ele levantou o olhar do relógio.

— Como assim?

Me inclinei sobre a cafeteira para encher o reservatório.

— Você avisou que vinha?

Ele fez um barulho que era meio tosse, meio risada, e disse:

— Caramba. Você sabe que eu também moro aqui, né?

Meu Deus. Ele não podia estar falando sério. Encarei seu rosto buscando desesperadamente um sinal que dissesse que era apenas zoação de Colin, mas no fundo eu sabia que não era. Antes que eu pudesse decifrar sua expressão, ele gesticulou com as mãos na minha direção e falou:

— A água. Presta atenção na água, Liv.

— Droga.

Eu tinha errado a boca do reservatório e derramado água por todo o balcão. Peguei um pano de prato e tentei enxugar, mas o

tecido não era nada absorvente e só serviu para empurrar a água para o chão.

Tudo isso enquanto aquele imbecil arrogante assistia com um sorriso entretido.

— Você não tem nada melhor para fazer do que me ver enxugando a cozinha?

Ele deu de ombros e voltou a se apoiar no balcão como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Na verdade, não. Mas, mudando de assunto, gostei do seu cabelo assim.

— É mesmo? Gostou? — Dei um sorriso irônico e meio homicida. — Batizei esse corte de indo-morar-com-o-Colin. É como se ele tivesse pegado fogo.

— Falando em fogo, estou morrendo de curiosidade, Marshall. Como você conseguiu incendiar um prédio inteiro? — Ele inclinou a cabeça e continuou: — Você sempre foi meio destrambelhada, mas queimar cartinhas apaixonadas em uma varanda de madeira feito uma piromaníaca é demais até para você.

Senti um nó na garganta.

Não porque aquele cretino me achava idiota; ele sempre achou. Minhas desventuras eram a grande diversão de Colin, como uma série ruim que ninguém admite que gosta, mas sempre maratona no sofá.

Eu era tipo o *Casamento às Cegas* dele.

Mas o fato de ele saber os mínimos detalhes de algo que tinha acontecido apenas dois dias antes em uma cidade a oito horas de distância significava que Jack tinha contado para ele. E meu irmão obviamente deu mais detalhes do que apenas um vago “minha irmã perdeu a casa num incêndio”, já que Colin mencionou as cartas.

Jack tinha compartilhado até os detalhes mais sórdidos.

O namorado infiel, o ritual com vinho e queima de cartas na varanda, o incêndio classe A... tudo. Senti vontade de vomitar

pensando nos dois morrendo de rir às minhas custas enquanto Jack contava a minha última tragédia.

As palavras “não foi minha culpa” estavam na ponta da língua, implorando para serem gritadas. Queria gritá-las para quem estivesse lendo a matéria nos jornais, clicando no link ou vendo o sorriso debochado do repórter ao dizer *cartas de amor*.

Porque não tinha sido minha culpa.

Sim, botei fogo nos poemas de Eli. Estava perigosamente perto da embriaguez enquanto fumava um cigarro atrás do outro e destruía as cartas daquele canalha traidor, mas fiz isso numa lixeira de metal. E tinha um copo cheio d’água logo ao lado, só por via das dúvidas. Não sou idiota. Me preparei completamente para o Exorcismo do Infel do Elijah.

Mas não para o gambá.

Eu estava contemplando minha minifogueira, quietinha, pensando que talvez não fosse tão ruim ficar sozinha, quando aquele bichinho feio veio correndo da sarjeta e pulou direto na minha varanda. Eu levei um susto e ele também, ao perceber minha presença. Seu susto foi tanto que ele saiu patinando pela varanda e bateu na mesa onde o balde estava. E o balde caiu no chão.

E é óbvio que uma linda esteira de palha cobria o chão da varanda.

— Olha só, seria ótimo ficar aqui para ouvir você falar o que acha de mim etc., mas tenho mais o que fazer. Pode olhar pro outro lado, por favor?

— Por quê?

Suspirei e quis enfiar a cabeça num buraco.

— Porque quanto mais acordada eu fico, mais desconfortável me sinto com o fato de que estou falando com você só de calcinha.

Surgem vincos nos cantos de seus olhos.

— Pensei que nada era capaz de deixar você com vergonha.

— Não estou com vergonha.

Se fosse qualquer outra pessoa no mundo, eu admitiria que fico com vergonha o tempo todo, o que normalmente justificava mi-

nha tendência a tropeçar, derrubar coisas, cair, enfim, minha falta de jeito no geral. Mas, porque era o Colin, respondi:

— O problema é que você não merece o espetáculo que é a minha bunda.

Passei por ele e saí da cozinha de queixo erguido, mas com o rosto ardendo, rezando para que a minha bunda estivesse bonita naquela calcinha ridícula. Só depois de bater a porta do meu quarto improvisado é que me permiti sussurrar todo o arsenal de palavrões que eu conhecia.

Olivia

O dia não melhorou muito depois daquilo.

Eu me tranquei no escritório e me candidatei a umas dez vagas para as quais estava longe de ser qualificada; encontrei algumas vagas de redação técnica para as quais eu era qualificada, mas que pareciam muito entediantes; e um mundo de vagas de *copywriter* que *quase* correspondiam ao meu perfil (mas não muito).

Nesse meio-tempo, dei um jeito de ferrar com a impressora (que eu usei sem permissão) e sujar o tapete com tinta de cartucho (spoiler: tentar limpar com um pano molhado não foi uma boa ideia e o tapete foi pro saco), então eu estava começando com o pé direito.

Depois disso, peguei o carro e fui até a casa dos meus pais para buscar algumas roupas que havia deixado lá quando entrei na faculdade. Enquanto revirava um monte de peças que tinham saído de moda na década passada, minha mãe me mostrava a coleção de links de notícias sobre o incêndio que ela estava salvando. Sabe como é, assim eu nunca esqueceria o que aconteceu.

Ela me serviu lasanha e meu pai começou um sermão sobre como um adulto deve se comportar e a importância de um seguro fiança.

Fui embora com azia, uma marmita e um sentimento de mágoa muito maior que a camiseta que eu usava quando fazia parte da banda da escola no ensino médio e com a qual eu teria que me

reacostumar até arranjar um trabalho e ter dinheiro pra comprar roupas novas.

Quanto será que eu poderia ganhar sendo motorista de aplicativo?

Quando voltei ao prédio de Jack, não estava com vontade de subir. O dia havia sido tão ruim que eu não tinha mais cabeça para lidar com Colin. Ou com o meu irmão, para ser bem sincera.

Ou com a reação deles assim que eu contasse sobre o tapete.

Então fui para o terraço.

Eu tinha visto uma plaquinha no elevador sobre o terraço e *todas* as expectativas foram atendidas: dava para uma vista fantástica da cidade e era cheio de vasos de petúnias exuberantes e *chaises longues* chiques.

Eu me sentei de pernas cruzadas e respirei fundo, inspirando o ar de verão.

Abhhhhh. Era como se eu estivesse respirando pela primeira vez desde que Eli apareceu no café para me dizer que não me amava.

Isso tinha mesmo acontecido dois dias antes?

Meu celular vibrou, e quando olhei para a tela vi uma mensagem com o mesmo número desconhecido da noite anterior.

O que está vestindo?

O Cara do Número Desconhecido ataca novamente. Que babaca. Respondi: Haha. Essa tática deu certo pra vc ontem à noite?

O casal que estava próximo à braseira do outro lado do terraço deu uma risadinha. Eu me perguntei qual seria o nível populacional de gambás naquela parte da cidade.

Cara do Número Desconhecido: Eu nem tentei nada depois do banho de água fria que vc me deu. Fui para casa dormir.

Eu: Coitadinho. Sinto muito por ter arruinado a cantada mais merda do universo.

Cara do Número Desconhecido: Vc não sabe se era uma cantada. Podia ser uma pesquisa sobre moda feminina.

Eu: Aham, com certeza.

Cara do Número Desconhecido: Por falar nisso, estou fazendo uma pesquisa sobre moda feminina. Pode descrever o que está vestindo neste momento?

Olhei para meu short de ginástica e respondi: Vestido Valentino, sapatos Ferragamo e o *fascinator* de penas mais descolado que você já viu. Poderia até ter sido da Rainha.

Cara do Número Desconhecido: Entendi. Vc tá de pijama.

Eu: Tipo isso.

Cara do Número Desconhecido: Antissocial por escolha ou por azar?

Eu: Por escolha. Mas sou a rainha do azar, vc nem imagina.

Cara do Número Desconhecido: Ah, não pode ser tão ruim assim.

Eu: Juro que é.

Cara do Número Desconhecido: Três exemplos, por favor.

Sorri. Era incrivelmente libertador falar com alguém que não me conhecia.

Eu: Na faculdade, fui cortar as unhas do pé e tive que usar um tampão de olho por um mês.

Cara do Número Desconhecido: Nojento, mas impressionante. Número dois?

Eu: Uma vez fiquei presa num banheiro químico que tombou comigo dentro.

Cara do Número Desconhecido: Meu Deus.

Eu: Festival de música, vento forte etc. O negócio tombou com o lado da porta para baixo. Esse dia ainda me dá pesadelos.

Cara do Número Desconhecido: Quero saber qual é o terceiro exemplo, mas me fala primeiro por quanto tempo vc ficou presa.

Eu: Vinte minutos que pareceram dias. Meus amigos bêbados levantaram a cabine o suficiente pra eu passar por uma fresta na porta.

Cara do Número Desconhecido: E estou deduzindo que vc ficou...

Eu: Sim, coberta de dejetos humanos.

Cara do Número Desconhecido: Segurando o vômito aqui.

Eu: Uma reação comum. E, só pra colocar a cereja no seu bolo de entretenimento, a história termina comigo levando um jato de água pressurizada daquelas mangueiras de bombeiro.

Cara do Número Desconhecido: Uau. Vai ser difícil superar o número dois.

Eu: Ah, seu bobinho. O exemplo número dois não passou de um aperitivo.

Cara do Número Desconhecido: Não seja por isso, vamos para o terceiro então.

Parei para pensar por um instante. Eu já vivi mil e uma situações constrangedoras que poderiam entrar na lista. Teve o dia em que derrubei uma bola de boliche no pé num primeiro encontro, a vez que caí numa piscina vazia e quebrei o cotovelo, entre tantas

outras. Minha vida era assim. Mas já que esse cara não me conhece, decidi contar o pior de todos.

Eu: Eu não só apresentei meu namorado (agora ex) para minha colega de trabalho linda de morrer, como encontrei os dois a trabalharem juntos num projeto que fazia com que eles passassem horas e horas sozinhos no apartamento dela.

Cara do Número Desconhecido: Puts.

Eu: Né? Isso provavelmente não deve contar como azar, só idiotice mesmo.

Cara do Número Desconhecido: Não te conheço então vc pode ser uma doida varrida, MAS, se não for, acho que o fato de vc ter confiado nos dois a esse ponto faz de vc uma pessoa mto legal.

Eu ainda não havia contado para ninguém o que tinha acontecido com Eli, então ler isso me trouxe uma sensação boa.

Eu: Pode até ser, mas vc teria feito uma coisa tão idiota?

Cara do Número Desconhecido: Prefiro não responder.

Eu ri. Tá vendo?

Cara do Número Desconhecido: E se eu contar uma idiotice minha pra gente ficar empatado?

Eu: Achei que vc tinha dito que não era idiota.

Cara do Número Desconhecido: Shiu.

Eu: Continue.

Cara do Número Desconhecido: Quando eu estava na faculdade, pedi minha namorada em casamento mesmo sem ter um anel.

Eu: Isso não é idiota.

Cara do Número Desconhecido: Ela disse não pq, nas palavras dela: “Se vc me conhecesse saberia que eu quero um anel.”

Eu: Puts.

Cara do Número Desconhecido: Não falei?

Eu: Não consigo imaginar como é ser tão bem resolvido NA FACULDADE a ponto de pedir alguém em casamento. Eu lambi vodca do chão todo fim de semana até a formatura.

Cara do Número Desconhecido: Acho que eu devia ter tentado isso.

Eu: Mas deduzo que vc já tenha superado.

Cara do Número Desconhecido: O que te fez deduzir isso?

Eu: Vc mandando “o que vc está vestindo?” para números aleatórios.

Cara do Número Desconhecido: Eu DE FATO superei, mas não mandei mensagem para um número aleatório, só digitei errado sem querer. Minha mensagem era para alguém que eu conheço, lembra?

Eu: Ah, sim. É verdade.

Eu me espreguicei e estiquei as pernas. Olhei para o céu. A noite estava linda e eu estava me divertindo, no fim das contas.

Falando com alguém que eu não conhecia.

Meu Deus, que patético.

Eu: Olha só, Número Desconhecido, você parece ser um doce de pessoa, mas não tenho interesse em ter um amigo virtual. Já assisti *Catfish* e *90 Dias Para Casar* e essa não é bem a minha praia.

Cara do Número Desconhecido: Nem a minha.

Eu: Então... boa noite pra você.

Cara do Número Desconhecido: Então é isso? Tudo ou nada?

Eu: Parece que é isso aí.

Cara do Número Desconhecido: E não estamos usando a internet, só para deixar registrado.

Eu: Pode ser, mas dá no mesmo.

Cara do Número Desconhecido: Você não está achando isso meio... divertido?

Eu: Tô sim, pra falar a verdade.

Cara do Número Desconhecido: Então...?

Eu: Então... Não muda nada. Essas coisas sempre acabam ficando estranhas.

Cara do Número Desconhecido: Vc tem razão. Ainda mais com o seu azar.

Eu: Aham.

Cara do Número Desconhecido: Bom, então boa noite, srta. Sem Querer.

Eu: Boa noite pra vc tb, Cara do Número Desconhecido.

Deixei o celular de lado e tive a sensação de estar despertando de alguma coisa, como se tivesse saído depois de um mês trancada num porão muito escuro. Fazia bastante tempo desde que me sentia tão relaxada, então me espreguicei sob a luz da lua e coloquei as mãos atrás da nuca.

Era estranho pensar nisso, mas eu meio que tinha a impressão de que estava me sentindo assim por ter desabafado com o Cara do Número Desconhecido. *Mais leve*. Leve o suficiente para voltar para o apartamento, na verdade.

Porque, na real, quem liga se Jack e Colin têm pena de mim? Por que deixei isso me afetar, para começo de conversa? Eu amava meu irmão, mas a verdade era que o apartamento deles não era nada além de um lugar onde eu dormiria pelo mês seguinte.

Depois de ser demitida e descobrir que seu namorado estava tendo um caso com uma colega de trabalho, Olivia decide fechar esse ciclo desastroso queimando as cartas que seu ex lhe escrevia. Ela só não esperava que, ao fazer isso, acabaria incendiando o prédio inteiro.

Sem emprego, sem casa e sem namorado, Olivia vai morar com o irmão e o amigo irritante — e extremamente gato — dele, Colin Beck. Tudo parece estar dando errado, mas, quando ela recebe uma mensagem sensual de um número desconhecido, sua vida começa a ficar mais emocionante. O que deveria ter sido um engano acaba se transformando num relacionamento envolvente — mesmo que ela não saiba a identidade do Cara do Número Desconhecido.

Colin Beck sempre considerou Olivia a irmã mais nova e insuportável do seu melhor amigo. Mas aquela garotinha destrambelhada que ele conhecia se tornou uma mulher atraente e divertida. Quando Olivia se muda para seu apartamento e uma vontade incontrolável de ficar cada vez mais perto dela começa a surgir, a preocupação toma conta de Colin. Ele tem certeza de que consegue manter distância de Olivia, até descobrir que ela é a garota anônima com quem vem tendo conversas picantes há semanas, desde que mandou uma mensagem sem querer para o número dela.

Olivia e Colin não se suportam, mas a química entre eles é inegável, e, por mais que tentem, não conseguem ficar longe um do outro. Será que um engano pode fazer esse casal improvável dar certo?

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/amor-por-engano/>